

Camisa 10 do auge à crise. Análise da imagem do jogador Ganso nos jornais O Liberal e Folha de São Paulo¹.

Jorge Luís Rodrigues da Silva JUNIOR²

Murilo dos Santos MOURA³

Robério Vieira de Lima FILHO⁴

Thiago Almeida BARROS⁵

Universidade da Amazônia (Unama), Belém, PA

RESUMO

Este artigo analisa conteúdos jornalísticos referentes ao jogador de futebol paraense Paulo Henrique Ganso publicadas pelos jornais O Liberal, de Belém (PA), de abrangência regional, e Folha de São Paulo, de São Paulo (SP), de abrangência nacional, para mostrar se há diferenças no enquadramento de notícias nos impressos. O período de análise está dividido em duas etapas: a primeira, de 1 de maio de 2010 a 1 de agosto de 2010, o auge da carreira do atleta; a segunda, de 1 de maio de 2011 a 1 de agosto de 2011, o momento de crise. Identificamos que O Liberal relaciona Ganso à imagem de ídolo intocável, enquanto que a Folha de São Paulo apresenta um noticiário mais crítico acerca do jogador.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; futebol; Ganso; valor-notícia; enquadramento.

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, a imagem de personagens do mundo esportivo em destaque e em ascensão são explorados pela mídia em variados formatos. A conquista de uma medalha de ouro, o lugar mais alto do pódio, a quebra de um tabu ou de um recorde, o gol que garante a conquista de um título, uma boa exibição de um atleta em uma final de Copa do Mundo ou de uma Olimpíada são motivos para que a imprensa esportiva destaque o grupo vencedor ou o indivíduo.

A visibilidade oferecida pela mídia transforma alguns desportistas em celebridades. Eles passam a ocupar um *status* diferenciado dentro da sociedade, com fama, cercados pelos mais variados veículos de comunicação. Segundo Galtung e Ruge (1993, p. 67), “quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente será transformado em notícia”.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unama. E-mail: jorgeluintotti@gmail.com.

³ Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unama. E-mail: murilomoura.tv@gmail.com.

⁴ Estudante do 8º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unama. E-mail: roberio.record@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Mestre em Planejamento do Desenvolvimento Sustentável (NAEA-UFPA). Professor do curso de Comunicação Social da Unama. E-mail: tbarros81@gmail.com.

Diante destas considerações, fazemos neste artigo uma estudo comparativa do noticiário publicado sobre o jogador de futebol Paulo Henrique Ganso, do Santos Futebol Clube, considerando dois aspectos: o nacional e o regional, com análise dos conteúdos publicados nos jornais O Liberal, do Pará – Estado onde o atleta nasceu –, e Folha de São Paulo, de São Paulo – Estado onde o atleta trabalha.

Abordamos neste trabalho as marcas particulares deixadas pelos dois jornais no conteúdo publicado sobre acontecimentos relacionados a Ganso. Nossa problemática consiste no seguinte questionamento: de que forma a mídia se apodera de acontecimentos e oferece visibilidade a indivíduos. Analisar os jornais O Liberal e Folha de São Paulo é importante para verificar se há parcialidade, ética, preconceito, defesa, critérios com base em estudos teóricos, entre outros, na construção das notícias publicadas sobre o jogador.

Nossos objetivos são os seguintes:

- Objetivo geral: Analisar o conteúdo jornalístico relacionado ao jogador Paulo Henrique Ganso nos períodos de auge e crise de sua carreira, amparados metodologicamente por Bardin (1977).

- Objetivos específicos:

1. Verificar se os jornais abordaram os assuntos referentes a Ganso de forma isenta;
2. Analisar a dinâmica de enquadramento dos jornais a partir da mesma notícia relacionada a Ganso;
3. Verificar quem fala e o que é dito sobre o jogador.

ESPORTE NO QUARTO JORNALISMO⁶

O jornalismo esportivo se solidifica como filão midiático a partir dos anos 80, quando a especialização jornalística, a divisão de conteúdos em editorias e o entretenimento se destacam nos meios de comunicação. O jornalismo em si é o maior reflexo da modernidade, priorizando a comunicação como “mina de interesse”. Uma das características deste período é a inoculação de produtos no corpo do conteúdo jornalístico, com “estratégias de fazer passar inconscientemente uma propaganda como se fosse notícia de interesse público, que os americanos chamam de *merchandising* e os franceses de comunicação” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 29).

⁶ Etapa atual do jornalismo, que se estende desde aproximadamente a década de 1970, marcada pelo crescente uso da informação eletrônica e interativa. Tem como valores dominantes impactos visuais, velocidade e transparência. Momento em que se altera drasticamente as funções do jornalista. (MARCONDES FILHO, 2002).

Marcondes Filho (2002) mostra a tecnologia como uma notória agravante para que o jornalismo fosse persuadido e influenciado por interesses de terceiros. As informações passam a ser monitoradas e espalhadas por grupos interligados, sofrendo forte influência de agentes empresariais. Departamentos publicitários e de relações públicas dividem-se na luta por espaço na imprensa, que adota um discurso totalmente capitalista, assimilado cada vez mais no futebol brasileiro, hoje tomado por propagandas.

Já não se cria somente um produto, mas, acima de tudo, sua mediação, com derivações secundárias, terciárias, efeitos de infiltração; aqui interessa o lado sensível do que ela reproduz e leva às pessoas (...). O jornalismo sofreu dois grandes impactos de natureza tecnológica que provocaram, ambos, cada um a seu tempo, mudanças radicais na atividade (...) o aumento fantástico da produção significou uma total reorientação da indústria jornalística no sentido de render lucros e se tornar economicamente auto-sustentável. Consequentemente, o jornalismo deixou de ser tão livre, descomprometido, espaço aberto a toda e qualquer manifestação dos agentes sociais, tornando-se produto “trabalhado”, voltado ao mercado (...) (ENZENSBERGER, 1962, p. 8-9).

A busca pelo poder do anúncio, a inserção de ganchos capitalistas que acabam decrescendo a qualidade do material a ser oferecido pelos meios de comunicação também são características do Quarto Jornalismo.

Na década de 90, tanto nos jornais impressos e revistas quanto na TVs abertas e fechadas, ganham força as editorias de esporte. Para Bahia (1990), o futebol, por exemplo, ganhou destaque até se tornar uma febre, principalmente na publicidade. A editoria de esporte ganha notoriedade no espaço jornalístico nobre, no qual vários estilos são postos à prova, para tentar atrair leitores e garantir a audiência esperada.

CARACTERÍSTICAS DA NOTÍCIA

Embasado pelas teorias de Montero (1993, p. 67-68), Sousa (1999, p. 7) define três etapas de estruturação dos acontecimentos como notícias publicadas pela mídia, com início na produção, passando pela circulação, até a “objectivização”:

a) É através do processo de produção que os acontecimentos são selecionados e coletados para uma pré-elaboração de pautas antes de sua transformação em notícias, porque o processo de construção delas destaca a inter-relação entre os interesses dos variados e diferentes grupos, como por exemplo as empresas de comunicação, os profissionais do jornalismo, as fontes, o público envolvido e o público receptor das informações. O processo burocrático ocorre porque as empresas de comunicação determinam e delimitam os seus interesses, ou seja, os fins econômicos e/ou políticos para

criar uma perspectiva capaz de interpretar os acontecimentos. Já os profissionais do jornalismo estabelecem os princípios éticos da profissão e ainda os fundamentos das normas que os legitimam perante a sociedade.

Assim, as fontes de informação e o público influenciam os conteúdos das notícias de forma mais ou menos direta, de acordo com o grau de relevância de cada conteúdo.

b) A circulação é um processo por meio do qual os temas do cotidiano se transformam em elemento de debate público. Nesta etapa, se produzem os efeitos, ou seja, as consequências das informações a curto prazo.

c) É através do processo da objectivização que alguns elementos da informação mudam para dados concretos e flexíveis no pensamento coletivo, como se fosse do público, e, por consequência, em elementos que acabam por fazer parte da realidade da sociedade. Também se trata de um processo a longo prazo que não é pré-determinado com exclusividade pelos veículos de comunicação, mas dependente de outras situações da realidade.

Sousa (1999), baseado em estudos anglo-saxões do jornalismo, subdivide as notícias em oito categorias: 1) *hard news*, conectadas a acontecimentos considerados importantes; 2) *soft news*, relacionados a ocorrências sem muita relevância; 3) *hot news*, notícias definidas como “quentes”, que remetem a acontecimentos imediatos, recentes; 4) *spot news*, notícias que citam acontecimentos improváveis; 5) *running stories*, são as notícias em andamento, abordadas por “suítes”; 6) notícias programadas, aquelas já “previstas”, fruto das agendas criadas pelo jornalismo; 7) notícias não-programadas, oriundas de acontecimentos desconectados de possíveis agendamentos; e 8) notícias fora do programa, geralmente *soft news*, que não exigem difusão imediata, popularmente conhecida no jornalismo como “matérias frias”.

Na imprensa, de modo geral, com destaque específico, primeiramente, para a nacional, como também na local, o processo de construção das notícias depende diretamente da linha editorial adotada por determinado veículo de comunicação. Isto ocorre devido a uma série de interesses, entre eles os financeiros e políticos, que impedem a produção e, conseqüentemente, a publicação de determinadas notícias, de acordo com Breed (1955, p. 155):

Todos, com exceção dos novos, sabem qual é a política editorial. Quando interrogados, respondem que a aprendem por osmose. (...) Basicamente, a aprendizagem da política editorial é um processo através do qual o novato descobre e interioriza os direitos e as obrigações do seu estatuto, bem como as suas normas e

valores. Aprende a antever aquilo que se espera dele, a fim de obter recompensas e evitar penalidades.

A classificação dos critérios de valor-notícia, segundo Wolf (1987, p. 173-192), depende da relação com o produto, o sistema produtor, o conteúdo, a concorrência e o público consumidor. Para Galtung e Ruge, a significância é um valor-notícia que tem duas interpretações. Uma diz respeito à relevância do acontecimento, isto é, ao impacto que poderá ter sobre o leitor ou os ouvintes; a segunda interpretação tem a ver com a proximidade, nomeadamente (TRAQUINA, 2005, p. 71).

Segundo Van Dijk (1990, p. 174-175), o valor-notícia também depende da função econômica da mídia e da rotinização da produção das notícias inerentes a cada empresa jornalística. Ainda de acordo com o autor, “a organização da produção jornalística privilegiaria acontecimentos produzidos/definidos por figuras públicas e setores preponderantes da vida social e política, reproduzindo uma estrutura social favorável a essas elites” (VAN DIJK, 1990, p. 174).

Entre os critérios adotados para a seleção das notícias, Galtung e Ruge (1965) destacam: a) proximidade – quanto mais próximo (seja geográfica, cultural ou afetivamente etc.) ocorrer um acontecimento, mais chances ele tem de ser transformado em notícia. No caso das notícias publicadas pelo jornal O Liberal sobre Paulo Henrique Ganso, o personagem deste trabalho, o valor-notícia citado acima é um dos principais e mais determinantes na hora da triagem das divulgações. b) momento – quanto mais recente for o fato, maior a chance de ele se tornar notícia; c) significância – o acontecimento é classificado por relevância, pessoas envolvidas (o envolvimento de Ganso), consequências e dimensão da notícia, a amplitude dos fatos; d) evidência social dos sujeitos envolvidos – acontecimentos protagonizados por atores de destaque se transformam em notícia. O destaque, no caso das matérias colhidas para análise, é para Paulo Henrique Ganso; e) proeminência das nações envolvidas nas notícias – nações mais importantes geralmente têm mais espaço entre as notícias; f) consonância – quanto mais for agendável e mais corresponder às expectativas da mídia produtora; g) imprevisibilidade – quanto mais surpreendente for um acontecimento. Em 2010, durante a final do Campeonato Paulista, Ganso protagonizou uma cena inesperada: bateu no peito, apontou para o gramado e gesticulou com as mãos um sinal negativo para o técnico. O jogador permaneceu em campo e teve participação importantíssima na conquista daquele título estadual; h) continuidade – as “suítes” diante da expectativa criada pelas notícias anteriores; i) composição – quanto

mais um acontecimento se enquadrar em um noticiário com espaço para diversos temas; e j) negatividade – o nível de negatividade de um acontecimento é diretamente proporcional à possibilidade de ele se tornar notícia.

PERFIL DOS CADERNOS DE ESPORTE

O caderno de esportes do jornal O Liberal é produzido em formato standard. Normalmente, são publicadas seis páginas de segunda a sábado. Aos domingos, o número de páginas aumenta para dez ou doze, dependendo do período do ano e dos eventos esportivos em andamento. Geralmente, O Liberal dá destaque nas capas para as equipes de futebol, sobretudo Clube do Remo e Paysandu, as principais da capital, mas também há um equilíbrio com o noticiário externo. Em média, Remo e Paysandu têm direito a uma página cada um. Há, ainda, a presença de repórteres setorializados cobrindo diariamente as atividades de Remo e Paysandu.

O futebol é a principal modalidade esportiva destacada pelo jornal, tanto a nível local quanto a nível nacional. Não é incomum ver notícias referentes a assuntos de fora do Estado estampados na capa do jornal e do caderno esportivo, principalmente quando as equipes paraenses estão inativas e/ou não disputam competições consideradas importantes pela linha editorial do jornal. Ou então quando o assunto envolve atletas paraenses em destaque. Além disso, cinco colunistas emitem suas opiniões ao longo da semana. O Liberal investe na cobertura factual. As pautas mais bem elaboradas e diferenciadas ficam restritas aos domingos, dia de maior vendagem.

A Folha de São Paulo aborda o esporte “como espetáculo e fenômeno empresarial”. Segundo informações do site do jornal, o tablóide esportivo é um dos cadernos mais lidos da Folha, porque aborda o tema esporte de forma diferenciada e mais abrangente. Além de acompanhar e noticiar informações dos principais campeonatos locais, nacionais e internacionais, a Folha também trata assuntos relacionados a política, marketing, legislação e moda. Foi o primeiro a usar estatísticas na análise esportiva, preparadas especialmente pelo Datafolha, o instituto de pesquisas do próprio jornal.

Diariamente, o caderno esportivo da Folha de São Paulo reserva espaço para a publicação das notícias dos maiores clubes do Estado: Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo. Por ser um dos maiores jornais do Brasil, a Folha dispõe de recursos financeiros que possibilitam o envio de correspondentes especiais para várias partes do país e do mundo. O

quadro de colunistas da Folha é composto pelos mais influentes e renomados jornalistas esportivos do Brasil, como Juca Kfourri, Paulo Vinícius Coelho e Tostão

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Os conteúdos jornalísticos selecionados para a análise foram subdivididos de acordo com o valor-notícia, com base em Traquina (2005):

- 1) gêneros jornalísticos: título, capa do jornal, capa do caderno de esporte, foto, foto na capa do jornal e foto na capa do caderno de esporte;
- 2) focos da notícia: local (Belém) e nacional (São Paulo) e;
- 3) procedência da notícia: da redação local ou de agências nacionais.

Amparados pelos estudos de Traquina (2005), analisamos os conteúdos jornalísticos publicados por O Liberal e Folha de São Paulo para verificar se as abordagens seguem o mesmo padrão, uma vez que Paulo Henrique Ganso poderia ter um tratamento diferenciado pelo jornal paraense por ter nascido no Estado. Também verificamos quem mais detêm espaço para falar sobre Ganso: jogador, treinador, dirigente de clube, profissionais da imprensa (editor, repórter, colunista, agentes de marketing), torcedor, atriz, médico, fisioterapeuta, ex-jogador, entre outros. Também foram verificados quais os assuntos mais abordados: seleção brasileira, transferência, renovação, divisões de base, fracasso, lesão, atuações, solidariedade, negócios, enquete de ídolo, investimento, recuperação, valor contratual, desgaste físico e conflito.

Outra análise envolve os adjetivos usados pelos jornais para caracterizar Ganso: astro, baladeiro, maestro, ídolo, herói, frágil, diferenciado, craque, extraordinário, excepcional, unanimidade, estrela, bom jogador, melhor meia do Brasil, encantador, destaque, excelente, imprescindível, fantástico, esplendoroso, decisivo, anulado, discreto, inteligente, tímido, mau, importantíssimo, esperto, craque promissor, professor, fundamental, esperança, merecedor, maduro, condutor, habilidoso, completo, craque raro, omissos, intocável, gênio.

O *corpus* foi dividido em duas partes: a primeira, de 1º de maio a 1º de agosto de 2010, tanto de O Liberal como da Folha de São Paulo, representam o período auge da carreira de Paulo Henrique Ganso, exatamente nos meses em que ele atingiu grande destaque na mídia. Ainda durante o auge da carreira, Ganso foi lembrado e várias vezes citado durante a Copa do Mundo da África do Sul, ainda que não tenha sido convocado – colunistas fizeram coro, afirmando que ele poderia ter sido peça fundamental para o time

brasileiro. O segundo período, de 1º de maio de 2011 a 1º de agosto de 2011, os jornais noticiam assuntos relacionados a uma crise na carreira do atleta, que passou por cirurgias, amargou atuações ruins e teve questionada a sua presença na seleção brasileira de futebol como jogador titular.

Traquina (2005, p.77) explica que um estudo comparativo recente de 17 jornais identifica a importância da proximidade geográfica como um valor-notícia importante: “É dada mais atenção em cada um dos países à região do que a qualquer outra parte do mundo”. No entanto, nossas pesquisas revelaram que Paulo Henrique Ganso foi citado mais vezes pelo jornal Folha de São Paulo do que pelo jornal O Liberal, tanto no período do auge da carreira do atleta quanto na crise. No auge, Ganso é citado 143 vezes na Folha de São Paulo, enquanto em O Liberal o jogador é mencionado 135 vezes. No período de crise, a Folha fala sobre Ganso 112 vezes e O Liberal 86 (de acordo com a tabela 1).

Tabela 1: Total de citações sobre Ganso nos jornais O Liberal e Folha.

Períodos/Jornais	O Liberal	Folha de São Paulo
Auge – 2010	135 citações	143 citações
Crise – 2011	86 citações	112 citações
Total	221 citações	255 citações

Fonte: produção dos autores (2012) com base em dados coletados na pesquisa.

CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE ÍDOLO

Ao aplicar a teoria de Lippman (ANO) à realidade atual, podemos identificar interferência da mídia na formação da opinião pública. No caso de Ganso e outros atletas em destaque, a visibilidade oferecida pelos meios de comunicação pode elevá-los à condição de heróis ou ídolos. Helal (2003) destaca a idolatria aos personagens que são fixados na mente das pessoas através da mídia. Para o autor, o fenômeno no esporte moderno encontra na mídia sua condição de possibilidade e mediação entre fãs e ídolos, legitimando os “heróis da sociedade”.

Em entrevista aos autores⁷, o jogador Ganso reforça a importância dos meios de comunicação na construção de sua imagem pública: “A imprensa é quem repassa as minhas boas atitudes para a criança, ela é quem divulga a minha imagem para o público”. O jogador tem assessoria de imprensa, que, em geral, é quem organiza sua agenda. Ele afirma que sempre teve um “bom relacionamento” com os jornalistas.

⁷ Entrevista concedida aos autores no dia 20 de abril de 2012, por e-mail.

Infelizmente se perde muito da privacidade, mas eu nunca tive problema com a mídia. Sempre me respeitaram bastante. Tem que se preocupar com o que vai fazer, tanto dentro como fora de campo. Por exemplo: Eu não consigo ir a lugares públicos com a mesma naturalidade. O assédio atrapalha bem mais na vida pessoal, mas com o tempo a gente acostuma. Felizmente nunca tive nenhum tipo de desentendimento com a imprensa, não, mas com alguns fãs eu já tive problemas, sim. Foram pouquíssimos, graças a Deus foram fatos isolados.

Nossa análise, no entanto, mostra que os meios de comunicação têm suas particularidades na construção da imagem de um ídolo e essas diferenças dependem de uma série de variáveis, sobretudo questões econômicas. O Liberal, por exemplo, é publicado em um Estado carente de grandes destaques esportivos locais, se comparado à realidade de grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Neste caso, quando um atleta local se destaca nacionalmente ou internacionalmente, a tendência é de que a imagem dele seja utilizada como filão, por atrair o interesse social – processo que não é restrito ao âmbito esportivo, mas também se apresenta com naturalidade em outros meios jornalísticos e campos sociais, como a cultura, política e economia. Esta questão extrapola o valor-notícia de proximidade destacado por traquina e reflete um processo sociológico de “carência de ídolos” que interfere na produção jornalística, por dar visibilidade exagerada e de forma acrítica a figuras de destaque. Para exemplificar esta questão na prática, apresentamos a seguir textos dos dois jornais, sobre os mesmos assuntos, para efeito comparativo.

Exemplos do período relacionado ao auge do jogador:

“Corrente positiva por Ganso na Seleção”

Jornal: O Liberal, 9 de maio de 2010, caderno de esportes, página 5.

Gênero: Jornalístico – reportagem

Foco: local

Procedência: Belém, da redação

Agente principal: Paulo Henrique Ganso

Tipificação: Às vésperas do anúncio da lista dos convocados pelo técnico Dunga para a disputa da Copa do Mundo de 2010, O Liberal fez uma reportagem com amigos e familiares de Paulo Henrique Ganso. O título da matéria, “Corrente positiva por Ganso na Seleção” é, praticamente, uma campanha em prol da convocação do jogador para o Mundial. A manchete sugere que os paraenses dêem as mãos e façam figa positiva, na expectativa da inclusão do nome do paraense na lista dos eleitos.

(...) Um nome, ou quem sabe um apelido, será aguardado ansiosamente pelos paraenses e grande parte do público brasileiro: Paulo Henrique “Ganso”. Depois das brilhantes atuações no Campeonato Paulista – especialmente no segundo jogo da final contra o Santo André – e Copa do Brasil, o garoto de 20 anos encantou o Brasil pela mistura da técnica apurada com a personalidade equilibrada e aparece quase no posto de unanimidade entre especialistas, torcedores e jogadores – até rivais – para vestir a amarelinha.

Os entrevistados foram: o primeiro treinador de Ganso e a mãe do jogador, que, obviamente, defenderam a inclusão do jogador na lista do técnico Dunga. Portanto, há uma incoerência quando o texto diz que o nome de Ganso “será aguardado ansiosamente pelos paraenses e grande parte do público brasileiro”, e que Paulo Henrique é “quase uma unanimidade” entre especialistas e torcedores para ir à África, porque não há nada na matéria que possa comprovar tal afirmação.

“Técnicos defendem Ganso na Seleção”

Jornal: Folha de São Paulo, 10 de maio de 2010, primeiro caderno, página 1.

Gênero: Jornalístico – reportagem e chamada de capa

Foco: nacional

Procedência: São Paulo, Folha de São Paulo

Agente principal: Paulo Henrique Ganso

Tipificação: A Folha de São Paulo entrevistou vinte técnicos de clubes do futebol brasileiro – especialistas no assunto – para encontrar várias respostas acerca de quais jogadores o técnico Dunga deveria convocar para defender a Seleção Brasileira na Copa do Mundo da África. Ao contrário da matéria de O Liberal, a reportagem publicada no jornal central não há campanha em prol de Ganso e/ou qualquer outro jogador. Tanto é que o conteúdo do material publicado revela uma pesquisa para saber qual jogador deveria ser convocado, na qual Ganso aparece na citação dos treinadores, e não de torcedores, amigos e/ou familiares do jogador, que são apenas expectadores.

O título “Técnicos defendem Ganso na Copa-10” expõe a opinião de profissionais do futebol, mas não da edição do jornal, como acontece em O Liberal. “A folha apresentou duas questões aos 20 treinadores do Nacional: 1) qual o melhor jogador brasileiro na atualidade?; e 2) qual atleta, entre os que Dunga não tem convocado, mereceria esta no Mundial?”:

Se estivessem no lugar de Dunga, técnicos da série A do Campeonato Brasileiro colocariam o meia Paulo Henrique Ganso, do Santos, na lista dos jogadores que vão à Copa do Mundo, na África do Sul. (...) Dezesete responderam, e Ganso, destaque do Santos campeão paulista, foi citado por oito técnicos como o jogador que falta na Seleção.

Na matéria publicada pela Folha, o técnico do Palmeiras na época, Antonio Carlos Zago, diz que se ele fosse o treinador, Ganso seria o único jogador de fora do seu grupo que ele levaria para a Copa do Mundo. O treinador definiu Ganso como “um jogador que me encanta muito, um dos melhores meias do futebol mundial”.

A diferença na construção das notícias publicadas pela Folha de São Paulo e por O Liberal pode ser explicada devido ao fato de que Paulo Henrique Ganso é paraense, e os assuntos referentes a ele têm um valor notícia chave a proximidade. Traquina (2005) explica que os autores Shoemaker e Reese dizem que “os acontecimentos que se passam próximo são considerados mais noticiáveis e importantes que os distantes”.

Exemplos do período da crise:

“Santos empata com Timão e perde Ganso por 30 dias”

Jornal: O Liberal, 9 de maio de 2011, caderno de esportes, página 1.

Gênero: Jornalístico – chamada de capa

Foco: local

Procedência: Belém, da redação

Agente principal: Paulo Henrique Ganso

Tipificação: A manchete do caderno de esportes de O Liberal destaca mais uma contusão de Paulo Henrique Ganso. Ao dizer que o Santos “perde Ganso”, o jornal tenta mostrar o valor e a importância do jogador para o Peixe, que disputa a reta final do Campeonato Paulista e Copa Libertadores da América.

“Fragil”

Jornal: Folha de São Paulo, 10 de maio de 2011, caderno de esportes, página 1.

Gênero: Jornalístico – chamada de capa

Foco: nacional

Procedência: São Paulo, Folha de São Paulo

Agente principal: Paulo Henrique Ganso

Tipificação: O caderno de esportes da Folha define Ganso como frágil, após o jogador ter realizado três cirurgias e ter sofrido mais uma contusão, depois de ter ficado inativo, em tratamento, por mais de seis meses.

“Ganso vai ser o maestro hoje”

Jornal: O Liberal, 3 de julho de 2011, primeiro caderno, página 1.

Gênero: Jornalístico – chamada de capa

Foco: local

Procedência: Belém, da redação

Agente principal: Paulo Henrique Ganso

Tipificação: Em uma chamada de capa, O Liberal passa para Paulo Henrique Ganso a responsabilidade de conduzir o Brasil na Copa América. A frase afirma isso com toda certeza: “O paraense Ganso será o principal criador das jogadas de ataque da Seleção, na estreia na Copa América”.

“Batismo”

Jornal: Folha de São Paulo, 3 de julho de 2010, caderno de esportes, página 1.

Gênero: Jornalístico – chamada de capa

Foco: nacional

Procedência: São Paulo, Folha de São Paulo

Agente principal: Paulo Henrique Ganso

Tipificação: A Folha, ao contrário de O Liberal, deixa claro que “Ganso tem a responsabilidade de conduzir o Brasil na estreia na Copa América da Argentina”. A expressão “batismo” foi usada por que seria o primeiro jogo de Paulo Henrique Ganso pela Seleção Brasileira em uma competição oficial, usando a camisa 10, que um dia foi usada e imortalizada pelo Rei Pelé, o maior jogador de todos os tempos, que também defendeu o Santos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE COMPARATIVA

Em um período de seis meses, marcado por auge e crise da vida profissional, três em 2010 e três em 2011, o jogador Ganso viveu momentos excelentes, regulares e ruins, tanto durante as partidas pelo Santos e pela Seleção Brasileira quanto fora de campo. Durante este período, os jornais O Liberal – de abrangência regional – e Folha de São Paulo – de

abrangência nacional – acompanharam e noticiaram os principais fatos que envolveram o atleta, conforme exposto na análise do *corpus*.

Nas páginas de esporte de O Liberal, Ganso foi idolatrado, considerado um ídolo dos paraenses, um herói, o maestro do Santos, verdadeiro craque de bola, um dos principais jogadores do Brasil e melhores meio campista do mundo. Mesmo no período de crise, Ganso conseguiu ajudar a equipe paulista a conquistar o título do Campeonato Paulista e da Copa Libertadores da América; teve atuações de destaque, embora tenham sido poucas, porque ele foi prejudicado pela sequência de contusões sofridas, imprevistos que o impediram de dar continuidade à uma trajetória sem interrupções.

No auge da carreira, em 2010, Ganso foi destaque não apenas no Brasil, como no mundo inteiro, ao se recusar sair de campo na final do Campeonato Paulista, contra o Santo André. Ele bateu no peito, esbravejou, apontou para o campo de jogo e disse que não sairia. Resultado: o Santos foi campeão paulista. A partir daí a carreira do jogador foi valorizada; a vida dele mudou por completo; o mundo passou a olhar para Ganso de um modo diferente, como um jogador raro, com um estilo distinto do restante dos atletas que atuam na mesma posição. Ele passou a ser comparado a grandes ídolos do futebol nacional.

Mas, apesar de todo o sucesso, Ganso também falhou. Chegou atrasado à concentração do Santos; foi pouco atuante em algumas partidas; não brilhou na seleção brasileira do mesmo modo como jogou pelo clube paulista; teve pontos baixos, que, praticamente, passaram despercebidos em O Liberal. No jornal paraense, Ganso foi destacado quase sempre como um maestro, um ídolo, um astro, mas sem qualquer contestação. O jornal inclusive fez campanha em prol da convocação do jogador para a Copa do Mundo da África do Sul, com várias reportagens acerca do assunto.

O valor-notícia proximidade colocado por Galtung e Ruge (1965) e, principalmente, a ausência de grandes ídolos no futebol paraense, acreditamos, são fatores cruciais para o enquadramento feito por O Liberal sobre os acontecimentos relacionados a Ganso. Em alguns textos, por exemplo, Ganso nem é citado, mas aparece em destaque na capa do caderno de esportes. Em outros, com procedência nacional, o jornal dá destaque no título, no subtítulo ou na legenda da foto, ainda que o conteúdo não seja relacionado diretamente ao jogador.

A Folha de São Paulo também defendeu a convocação de Ganso para a seleção brasileira, mas utilizando argumentos, apoiada pela análise de seus articulistas. Tanto no auge, quanto na crise de Ganso, a Folha de São Paulo noticiou mais assuntos referentes a

Ganso que O Liberal. O quadro de adjetivos relacionados ao jogador também foi mais longo se comparado ao jornal paraense, porém, o mesmo meio que enalteceu Ganso nos momentos de destaque, também o criticou.

Em uma das publicações sobre Paulo Henrique Ganso, no dia 17 de Julho de 2010, a Folha foi clara: Ganso é um ídolo, mas Neymar, seu companheiro de ataque no Santos e na seleção brasileira, é um astro. Ganso e Neymar aparecem numa das capas do caderno de esporte, com texto sob o título “Popstar” dado ao jogador paulista, mas sequer cita o atleta paraense, quando ambos participaram de um evento em que a dupla era a protagonista.

Já em um texto de um colunista, o valor dos direitos federativos de Ganso, um dos mais altos do Brasil e do mundo, são colocados em dúvida, quando Enzo Palladini intitula a sua coluna de “Quanto vale Ganso?”. A opinião dos colunistas paraenses, no entanto, é feita em uníssono quando o assunto é Paulo Henrique Ganso. Há uma unanimidade entre eles quanto ao talento, à maestria, habilidade e qualidade técnica do jogador, porém não existem críticas. Na Folha, ao contrário, os mesmos colunistas que emitem opiniões positivas sobre o jogador e o enaltecem, também fazem críticas a assuntos relacionados ao jogador.

Portanto, em O Liberal, Paulo Henrique Ganso é visto como um craque, um jogador diferenciado, ídolo dos paraenses no futebol, assim como o lutador de vale-tudo Lyoto Machida se apresenta nas artes marciais. Ganso também é incontestável, respeitado e defendido pelo jornal, que omitiu algumas informações que poderiam não ser assimiladas de maneira positiva pelo público leitor paraense. Na Folha de São Paulo, Ganso também é um jogador diferenciado, um craque, talentoso, um ídolo da torcida santista, mas algumas atitudes do jogador são contestáveis e ele não é considerado como um astro, ou seja, o destaque dado a ele fica mais restrito aos assuntos dentro de campo, e não fora das quatro linhas – diferente do tratamento dado a jogadores como Neymar.

Ainda que tenham feito algumas abordagens distintas sobre um mesmo assunto ligado a Paulo Henrique Ganso, em momento algum O Liberal e Folha de São Paulo, nos períodos analisados, distorceram os fatos e/ou denegriram a imagem do jogador.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. **Jornal historia e técnica** - Historia da Imprensa Brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

BREED, W. (1955). “Social Control in the Newsroom: A Functional Analysis”. **Social Forces**, Vol. 33, Outono.

ENZENSBERGER, H. M. **Einzelheiten I**. Die Bewusstseins-Industrie. Frankfurt, 1962.

GALTUNG, J. R., Marie Holmboe (1965/1993). The Structure of Foreign News. **Journal of International Peace Research**, vol 1, 1965.

HELAL, R. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Alceu**. Rio de Janeiro, v.4, n.7, p. 19-36, jul./dez. 2003a.

LIPPMAN, W. **Opinião Pública**. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARCONDES, F. **Comunicação e Jornalismo**. A saga dos cães perdidos. 2. ed. São Paulo: Haker Editores, 2002.

MONTERO, M. **La información periodística y su influencia social**. Barcelona: Labor, 1993.

SOUSA, J. **As notícias e os seus efeitos**. As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos média jornalísticos, 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticiasefeitos.html>. Acesso em: 25/05/2012.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

VAN DIJK, T. **La noticia como discurso**. Comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.